

A CONSTITUIÇÃO DA CONDIÇÃO DA MULHER EM *VOCÊ NASCEU PARA ISSO*, DE MICHELLE SACKS

THE CONSTITUTION OF WOMAN CONDITION IN *BY YOU WERE MADE FOR THIS* BY MICHELLE SACKS

30

Angela Aparecida Alves Barbosa
Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Goiás, UEG.
angela.aparecida769@gmail.com

Fernanda Surubi Fernandes
Doutora em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT.
fernandasurubi@gmail.com

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar a constituição da condição da mulher no romance *Você Nasceu Para Isso*, de Michelle Sacks, por meio das relações/lugares de poder e submissão exercidos pelos personagens na narrativa. Partindo do princípio, do lugar de fala da personagem Merry, uma mulher que exerce papéis considerados, historicamente, fundamentais para a constituição do que seria uma boa esposa, e sua relação com aqueles que a cercam. Para tanto, a abordagem teórica deste trabalho foi fundamentada em Orlandi (2015, 1984), Perrot (2019), Foucault (2008), Adichie (2015), que trazem discussões fundamentais para a complementação da pesquisa na área da análise do discurso, voltada para a constituição do corpo feminino na narrativa, buscando analisar a construção da personagem por meio de suas falas e pensamentos, com relação aqueles que a cercam. A partir da análise, nota-se uma constante nos discursos sobre o corpo feminino, embora um longo caminho tenha sido percorrido, compreende-se que, na narrativa, a mulher é constituída como submissa as vontades do homem, efeitos de uma sociedade ainda patriarcal.

Palavras-chaves: Análise do Discurso, Submissão, Corpo Feminino.

Abstract: The objective of this study is to analyse the constitution of woman condition, on the novel *You Were Made For This*, by Michelle Sacks, through the relations/positions of power and Submission exercised by the characters in the narrative. On the assumption place, it mentions of the character Merry, a woman exercising the roles of considered fundamental for the constitution than would be considered a good wife, and its relationship with those among her. To this end, the theoretical approach of this study was reasoned in Orlandi (2015, 1984), Perrot (2019), Foucault (2008), Adichie (2015), that bring fundamental discussions for the complementation of the research in the field of discourse analyse, focused on the constitution of female body in the narrative, seeking analyze the construction of the character. Through of the speeches and thoughts, and its relationship with those among her. From the analyse, it is noted a constant in the discourses about the female

Building the way

body, although a long way has been traveled, it is understood that, in the narrative, the woman is constituted as submissive to the wishes of man, effects of a patriarchal society.

Keywords: Discourse analysis, Submission, Female body.

Introdução

31

A constituição histórica da condição das mulheres apresentou/apresenta um papel atrelado à discursos de submissão, tomando-as enquanto um sujeito submisso à uma sociedade patriarcal, colocando-as em papéis (esposa, escrava, mãe, puta) que a marcaram como propriedade da figura masculina. Esses papéis atravessaram a situação das mulheres brancas, e das mulheres negras, tomadas como escravas e submetidas ao dono da senzala. São processos que marcam de diferentes formas a situação das mulheres envolvendo a condição da mulher como também a condição social. Mas ainda assim, o que se repete nesse processo é a submissão das mulheres em papéis que as marcam como propriedade dentro de uma sociedade totalmente patriarcal.

A noção de propriedade, de submissão se constituem historicamente de forma tão marcante que reverbera em discursos na contemporaneidade. São ditos de outros modos, mas que se relacionam num batimento entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente (ORLANDI, 2015).

Há, portanto, várias imagens formadas sobre a mulher, reproduzindo sentidos que eram fortes em outros momentos, mas que na contemporaneidade são ressignificados. Algumas dessas projeções imaginárias são a imagem entre a mulher boa e a mulher puta, a esposa, da casa e a mulher da rua. Essa formação imaginária é compreendida por Orlandi (2015, p. 38) como “[...] projeções que permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos no discurso”, que se constituem a partir das relações de sentido – em que os discursos se relacionam a outros – e as relações de força – em que os sujeitos se constituem por uma hierarquia constituída através dessas projeções.

No caso da mulher, é na relação entre submissa e rebelde, a santa e puta etc., ou seja, é a projeção da(s) imagem(ns) que se constituem numa relação socio-histórica que a mulher é (re)significada. Como a própria questão da maternidade, em

Building the way

que há a possibilidade de escolha em ter ou não filhos, mas que ainda os efeitos da imagem maternal se significam nas relações com o outro. Tanto quanto há uma cobrança do meio que está inserido, quanto da cobrança em ter uma carreira profissional. Esses apontamentos são apresentados por fazerem parte do objetivo deste estudo, analisar a condição feminina das personagens na obra *Você nasceu para isso* de Michelle Sacks (2019), observando a constituição do corpo feminino no desenvolver da trama.

32

Mulher e corpo

Sobre o prisma do processo histórico sobre o papel feminino, Perrot (2019) aponta que:

De maneira geral, quando as mulheres aparecem no espaço público, os observadores ficam desconcertados; eles as veem em massa ou em grupo, o que, aliás, corresponde quase sempre a seu modo de intervenção coletiva: manifestam-se na qualidade de mães, donas de casa, de guardiãs dos víveres etc. Usam se estereótipos para designá-las e qualificá-las. (PERROT, 2019, p. 21).

A necessidade de “designá-las e qualificá-las”, criando um nicho machista ao qual elas são obrigadas a se adequar, e o qual as mulheres não devem questionar, um espaço onde sua voz não é ouvida e os estereótipos são criados para assim silenciá-las. Ao longo da história preterindo a elas, segundo Perrot (2019), o papel que perante a um meio social a mulher deve exercer, o papel de esposa (mãe e dona de casa) submissa às vontades do cônjuge e da sociedade.

O que ainda se observa é o funcionamento de uma sociedade patriarcal, tal como apresentando por hooks¹ (2019). Para a autora homens, mulheres, crianças podem exercer comportamentos sexistas, ou seja, não é algo apenas atribuído ao homem. Mas é algo que o significa privilegiando-o muitas vezes mesmo sem perceber. Como as regras de comportamento referentes às mulheres, fixadas na vestimenta, no falar, onde ir, coisas que ainda estão presentes nas relações sociais, de forma muitas vezes naturalizadas.

¹ hooks escreve seu nome totalmente em letras minúsculas, pois para a autora o que lhe interessa são as ideias e o conhecimento. Disponível: <https://www.geledes.org.br/a-pedagogia-negra-e-feminista-de-bell-hooks/>. Acesso 30/03/2020.

Paradigmas são impostos, e como se fossem leis universais são seguidos, esse é um funcionamento da ideologia, conforme compreende a Análise de discurso. Para Orlandi (2015) e Pêcheux (2009), a ideologia é o efeito de evidência, é a naturalização dos sentidos, pelos quais todo sujeito é significado, ao falar “[...] o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (ORLANDI, 2015, p. 15), pois este assume uma posição ideológica, que o constitui.

Desse modo, essa naturalização dos sentidos não se aplica apenas a questões de gênero, mas também a aspectos culturais, religiosos, étnicos, sociais, entre outros. Aspectos estes que constituem o sujeito no meio social, onde a mulher é inferiorizada e silenciada.

Esse silêncio pode ser físico, não deixando-a falar nos diferentes espaços sociais, em casa, no trabalho, no lazer, etc. Por outro lado, o silêncio pode ser o apagamento da posição sujeito mulher como um ser com direitos e deveres, ficando apenas os deveres. Silencia-se sua voz e suas possibilidades de mudanças, de enfrentamentos, de se ressignificar.

Diante disto, Foucault (2008) apresenta que o corpo feminino visa a sua utilidade nos espaços sociais que a ele são atribuídos, ou seja, apresenta que a sociedade patriarcal procura docilizar o corpo da mulher para que este seja domesticado a um determinado espaço, sendo este o espaço doméstico/do lar.

Diante disso, analisar a obra *Você nasceu para isso*, de Michelle Sacks é compreender como a constituição do corpo feminino numa obra contemporânea, apresenta um olhar sobre a condição feminina numa relação com a língua, a ideologia e a história.

Perrot (2019) em trechos de seu livro *Minha História das Mulheres*, cita as seguintes passagens quanto às torrentes de discursos sobre a mulher:

[...] As mulheres não são apenas diferentes: modelagem inacabada, homem incompleto, falta-lhes alguma coisa, são defeituosas. [...] Ela é passiva e ele, ativo. O homem é criador, por seu sopro, o *pneuma*, e por sua semente. Na geração, a mulher não passa de um vaso do qual se pode esperar apenas que seja um bom receptáculo.

Paulo (na primeira Epístola a Timóteo) prescreve o silêncio às mulheres: “A mulher aprenda em silêncio, com toda sujeição. Não permito que a mulher ensine nem use de autoridade sobre o marido, mas que permaneça em silêncio” (PERROT, 2019, p. 23).

A partir de Perrot (2019), pode-se afirmar que historicamente a figura da mulher esteve relegada ao papel de coadjuvante na sociedade, um papel de submissão. Assim sendo, Perrot (2019) apresenta um discurso inserido na formação discursiva religiosa. Para Pêcheux (2009, p. 147) “[...] as palavras, expressões, proposições etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas”, assim na formação discursiva religiosa, os sentidos são determinados por essas condições. Para Orlandi (2015), é nesse funcionamento que se compreende a ideologia materializada no discurso, pois “[...] o estudo do discurso explicita a maneira como linguagem e ideologia se articulam, se afetam em sua relação recíproca” (ORLANDI, 2015, p. 41).

Nessa relação, ao trazer formulações inseridas na formação discursiva religiosa, os sentidos produzidos serão sobre a mulher como submissa, submissa em seu corpo e na sua voz a autoridade patriarcal, sendo então oprimida e submissa as vontades/ordens do homem. Foucault (2008) no capítulo *Os Corpos Dóceis*, ao referir-se às noções de docilidade de um corpo, diz: “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 2008, p. 118).

Assim como citado no texto de Perrot (2019), quando a sociedade é patriarcal, produz-se um efeito de incômodo, quando as mulheres deixam aquele espaço/casulo ao qual elas foram confinadas para exercer o papel de “boa esposa”, isto gera revolta/desconforto, surgindo desse modo a necessidade de estereotipa-las, para que elas se moldem ao papel que a sociedade incumbiu a elas (mãe, esposa e dona de casa). Trata-se assim de um corpo dócil, moldado por uma imposição social.

Em Foucault (2008), este corpo é disciplinado, obedece às regras sem questioná-las, um corpo que é moldado para satisfazer aqueles que o idealizaram, e não ao sujeito ao qual ele pertence. Corpos dóceis, que são manipulados ao longo do tempo, exercendo assim suas funções nos meios de produção, se afastando de seu direito de voz, um indivíduo moldado para se tornar útil aos meios de produção, obediente e produtivo, como Foucault (2008) aponta, ocorre uma manipulação do sujeito, que engloba seus gestos e comportamentos.

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência) (FOUCAULT, 2008, p. 119).

O corpo se torna obediente, se transforma em um objeto que se submete aos rearranjos a ele imposto, se afasta de tudo que é visto como inapropriado para si e se sujeita ao poder de uma sociedade disciplinar, que visa controlar cada passo e função que esse corpo exerce nas práticas sociais, se tornando portanto um corpo submisso que não mais resiste ao poder imposto pelo sistema disciplinar. Sistema este que visa o domínio completo de suas ações, o torna útil, docilizado para que possa assim atender as demandas “em termos econômicos de utilidade” (FOUCAULT, 2008, p. 119).

Segundo Foucault (2008), os corpos são subjugados, tendo, portanto, negado seu direito à criticidade nas práticas sociais, corpos que são invisíveis. Diante disto a mulher é vista na sociedade, ou melhor, não vista. O corpo feminino é taxado e discriminado no meio social, até mesmo considerado um tabu, como se fosse algo a ser mantido permanentemente escondido/coberto, posições sujeitas constituídas devido a um processo históricos e social que constitui uma sociedade ainda patriarcal.

Segundo Perrot (2019), para a sociedade, as mulheres serem invisíveis e mantidas em silêncio faz parte de como as coisas devem ser, é uma ordem natural, está imposta pelo poder daquele que tem o direito a disciplinar e corrigir o que é considerado errado/fora do padrão.

Elas atuam em família, confinadas em casa, ou no que serve de casa. São invisíveis. Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. É a garantia de uma cidade tranquila. Sua aparição em público causa medo. Entre os gregos, é a *statis*, a desordem. Sua fala em público é indecente. “Que a mulher conserve o silêncio, diz o apóstolo Paulo. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão.”⁹ Elas devem pagar por sua falta num silêncio eterno (PERROT, 2019, p. 16-17).

A sociedade patriarcal utiliza de passagens bíblicas para justificar, segundo ela, a ordem das coisas, para justificar como a mulher deve se portar perante a sociedade, o que ela deve vestir, falar, qual papel ela deve exercer. Segundo Perrot (2019) as mulheres são invisíveis, são apagadas da história, estão sempre na penumbra, como uma sombra, tidas como objetos maleáveis, são pouco vistas e ouvidas, mantidas sempre a margem, onde são condicionadas ao silêncio para que não causem incômodo com o seu falar, ou com sua postura perante a sociedade.

De acordo com Foucault (2008), surgem então os espaços determinados, onde a intenção não é apenas disciplinar o sujeito, mas também torná-lo útil para a sociedade. Assim ocorre com as mulheres, pois a elas é relegado o espaço onde elas devem exercer os trabalhos domésticos, à qual é a forma encontrada de subjugar-las e torná-las útil a sociedade. Um lugar onde elas são disciplinadas para que possam se tornar boas mães, sendo capaz de exercer todas as tarefas para manter o seu lar em boas condições.

Adichie (2015), em seu livro *Sejamos Todos Feministas*, expõe algumas diferenças entre as mulheres e o homens, como por exemplo, os hormônios, os órgãos sexuais, alguns atributos biológicos, como a mulher poder ter filhos, questões de força física, entre outros aspectos que tornam ambos “diferentes” perante o meio social em que vivem.

Sejamos Todos Feministas é um livro que retrata a realidade da autora, uma mulher nigeriana que enfrenta todos os dias a realidade de uma sociedade machista, que vê e pensa na mulher como um ser inferiorizado. Embora seja um livro que retrate a realidade de Adichie (2015), apresenta também a realidade/ambiente de muitas mulheres, seja no ocidente, ou em qualquer outro lugar. A mulher tende ainda a ser tratada como um corpo submisso, fraco e desprovido de inteligência, alguém que deve apenas seguir ordens.

A partir de hooks (2019), pode-se ver o quanto é grande a diferença entre a realidade feminina e masculina, embora muitas tenham sido as lutas de classes para que as mulheres resistissem à dominação masculina e se tornassem autossuficientes, aquelas que faziam parte de uma grande maioria que não eram socialmente privilegiadas notaram que mesmo que obtivessem o direito de trabalhar, isto não lhe permitiria ter total liberdade da dominância a elas impostas.

Pode-se afirmar segundo Perrot (2019) que a construção da história das mulheres foi algo conturbado e cheio de barreiras, a serem ultrapassadas. Criadas para atenderem aos comandos de uma sociedade patriarcal, onde deveriam aprender os ofícios de uma dona de casa, as mulheres foram instruídas para as atividades do lar, sendo sempre mal vistas quando decidiam abdicar desta “função” para arriscarem-se em outras áreas. Áreas que deveriam, segundo uma posição sexista, ser exclusivamente exercidas/frequentadas por homens, pois a estes cabia o papel de personagem principal, enquanto a mulher era mantida como uma coadjuvante em sua própria história.

Dessa forma, analisar o romance *Você Nasceu Para Isso*, de Michelle Sacks, implica em fazer uma análise do corpo da mulher não apenas na narrativa, mas sim criando um percurso que perpassa as condições de produção que implicam em seu lugar de fala, e os efeitos de sentido produzidos pelo modo de dizer a mulher na narrativa. Segundo Orlandi (2015, p. 28) as condições de produção “[...] compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação”, estes ligados à memória, estas condições dependem do contexto da enunciação, do contexto histórico-social do sujeito e de suas ideologias. Assim, analisar o romance de Sacks, implica em compreender as condições de produção e os efeitos de sentidos causados pelas formulações das personagens presentes na narrativa.

Você nasceu para isso: a constituição do corpo feminino

Você Nasceu Para Isso (You Were Made For This), é um romance da autora Sul-Africana Michelle Sacks, a narrativa de Sacks apresenta um imaginário dos padrões impostos por uma sociedade patriarcal, que preza por um ideal de família, aquela onde o homem é quem impõe as regras, e a mulher é a dona de casa, dedicada e obediente.

A narrativa conta a história de um casal, Merry e Sam, seu bebê recém-nascido Connor; e Frank, amiga de Merry, o casal que abandona a vida em New York para viverem na Suécia, onde eles pretendem recomeçar a vida do zero. O relacionamento do casal é repleto de segredos que ambos escondem um do outro, uma fachada é criada, para que eles possam enganar aqueles que se aproximam de sua vida conjugal, fazendo com que amigos e familiares não vejam os problemas que

Building the way

estão profundamente enraizados em seu relacionamento. Enquanto o casal tenta manter as aparências, recebem em sua casa a visita de Frank, uma mulher bem-sucedida e que não se importa com os meios que utiliza para conseguir o que deseja. Frank acaba por conturbar ainda mais o relacionamento do casal, pois ela julga ter desenvolvido sentimentos pelo esposo de sua amiga, ao mesmo tempo que se envolve sexualmente com o vizinho de Merry e Sam.

38

Após concluir o resumo de *Você nasceu para isso*, dar-se-á início a análise por meio de trechos/recortes da obra. Segundo Orlandi (1984), em um texto: “O recorte é uma unidade discursiva. Por unidade discursiva entendemos fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação. Assim, um recorte é um fragmento da situação discursiva” (ORLANDI, 1984, p. 14). Os recortes aqui selecionados têm como objetivo analisar a condição feminina das personagens na narrativa de Sacks, analisando a constituição do corpo feminino no desenvolver da trama.

A obra de Sacks (2019) é um romance narrativo com enredo psicológico, no qual a autora constrói sua história em fatos voltados para o emocional das personagens.

Na narrativa nota-se uma constante rivalidade entre Merry e Frank, embora se considerem amigas existe ali um sentimento de “inveja” e competição entre as personagens. Na visão de Frank, Merry sempre teve tudo o que quis (um lar estabilizado, um bom esposo e um filho), talvez por ser de uma família de classe social mais abastada (mesmo que com pais instáveis), enquanto Frank vinha de um lar mais humilde, onde teve que lutar para conseguir o que queria, como ela relembra em certa passagem da narrativa, onde diz que sempre precisou lutar para criar a própria sorte, mesmo que isso envolvesse meios considerados não convencionais pela sociedade.

Diante desta rivalidade entre as personagens presentes na narrativa, pode-se relacionar o texto de hooks (2019) que fala sobre o sexismo feminino internalizado, que torna as mulheres suas próprias vítimas e agressoras, tornando algumas mulheres machistas com suas iguais, fazendo com que idealizem as mulheres como inferiores a si, “[...] competindo umas com as outras pela aprovação patriarcal, para olhar umas às outras com inveja, medo e ódio” (HOOKS, 2019, p.27). Isto se deve exclusivamente aos pensamentos de uma sociedade patriarcal que idealiza a mulher como um modelo de perfeição no meio social. Assim, pode ser descrito o relacionamento de Merry e Frank, embora se considerem “amigas”, existe ali um

Building the way

sentimento de rivalidade entre ambas, que faz com que Frank tenha inveja do casamento de Merry, deseje ter Sam para si, e um filho como Connor, além de se envolver sexualmente com o pai de Merry, Gerald, para que consiga alcançar seus objetivos.

Nessa perspectiva, apresenta-se o seguinte trecho, onde a personagem Frank relembra os tempo passado na escola, ao lado da amiga (Merry), por meio de lembranças das aulas de educação sexual, lembranças que fazem a personagem refletir sobre o quão insignificante era e é o modo como é tratado o ensino sobre a sexualidade para as mulheres.

Frank: Merry e eu no ensino médio. Como nós ríamos dos diagramas do corpo feminino durante as aulas de educação sexual. Olhe, é aqui que os óvulos estão; é aqui que o bebê cresce. Ejaculação, ereções; ruborizávamos ao ouvir essas palavras, pensando nos meninos que conhecíamos, nos esforçando para tentar não imaginar o pênis deles. Ninguém ensinava a nós, meninas, que poderíamos sentir prazer. Que poderíamos transar por outros motivos além da procriação e da necessidade de agradar ao homem. (SACKS, 2019, p.133).

A cena se desenrola em um celeiro, onde Frank mantém escondido um caso com o vizinho de seus amigos, Karl. Observa-se como falar de sexo é tabu, “ruborizávamos ao ouvir essas palavras”, ou seja, falar sobre sexo é uma atitude interdita, ficando apenas no técnico, no funcionamento biológico, para procriação, não se fala de prazer, como se o social ficasse de lado, ou de um lado apenas: “da necessidade de agradar um homem”.

Em seus devaneios ela pensa o quanto as coisas ainda são parecidas, enquanto está ali com o seu corpo à mercê de Karl, Frank percebe que ainda é uma mulher que nasceu para atender aos desejos sexuais de um homem.

Frank é uma mulher desinibida, que não se importa com os padrões impostos pela sociedade, embora muitas de suas ações possam ser justificadas por marcas presentes em sua vida, ela reconhece que para muitos não passa de um objeto de desejo, algo para o prazer momentâneo, conforme apresenta-se neste recorte:

Frank: [...] Talvez eu seja irresistível, como já me disseram. Os homens que falam isso não querem elogiar. É mais uma acusação. Por tê-los feito sair da linha. Por roubá-los de suas esposas. Pegável. Essa é a palavra. O tipo de mulher com quem um homem quer transar. Não se casar. Só trepar. (SACKS, 2019, p.132).

40

O corpo da mulher é algo que sempre gerou conflitos ao longo da história, sua sexualidade era, e por vezes e ainda é apagada, ou transformada em um tabu. Nessa condição a mulher é a pecadora, a sedutora, a que leva “para o mal caminho”, que não se pode resistir. O termo “pegável” faz funcionar sentidos sobre a mulher como um objeto sexual, a inferiorizando. Algo que pode ser pego, mas não necessariamente desejável. Conforme Orlandi (1995, p. 111) uma palavra significa porque tem textualidade, “[...] ou seja, porque a sua interpretação deriva de um discurso que a sustenta, que a provê de realidade significativa”. Nessa direção que o termo se significa nas relações sociais. Assim, no dicionário² pegável é algo que pode ser agarrado e no informal é uma mulher que não é bonita nem feia, mas que dá para se pegar (ficar, beijar)³, e conforme a narrativa da obra, uma mulher com a qual pode se transar.

A partir de hooks (2019), pode-se afirmar que a luta das mulheres para conseguir sua liberdade sexual foi e ainda é algo que gera polêmicas, como a legalização do aborto. Para a autora, essa e outras questões são importantes para a mulher a partir de uma educação sexual básica que vise “[...] controle pré-natal, medicina preventiva – que ajudassem mulheres a compreender como o corpo funciona [...]” (HOOKS, 2019, p. 50-51), pois as mulheres foram criadas tendo seus corpos sexualizados desde sempre, sendo induzidas a pensar apenas em sua imagem, esta que deveria ser agradável aos olhos dos homens.

Numa perspectiva histórica, a mulher não deveria ter seus desejos revelados, aliás eles não deveriam nem existir, ela deveria ser recatada, para Perrot (2019), ao falar da história das mulheres, aquela que mostrasse o contrário e permitisse que sua sexualidade dominasse sua “pureza” seria vista como pecadora, uma feiticeira, alguém que assim como a personagem de Frank é retratada, tem a intenção, o prazer de instigar os desejos mais promíscuos nos homens. Nessas

² Dicionário Online de Português. Pegáveis. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/pegaveis/>. Acesso em 06 nov. 2019.

³ Dicionário informal. Pegável. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/peg%C3%A1vel/> acesso em 06 nov. 2019.

Building the way

condições, é considerada suja, errada e maculada, pois entregou aquilo (virgindade) que deve ser protegido, e entregue apenas ao cônjuge, este tido como único a ter direito ao prazer.

Esse modo de olhar sobre a mulher como feiticeira, pecadora, se constitui pelo funcionamento do discurso religioso, uma formação discursiva que produz sentidos sobre a condição da mulher. Eva que seduziu Adão e comeu o fruto proibido. Nesse modo de dizer, os sentidos sobre o homem colocam-no como um ser que cede ao desejo, ele não será o errado da história, pois para ele é como se fosse algo natural, como se possuíssem a necessidade de buscar pelo prazer carnal, mesmo que isto resulte em uma traição. O corpo, o desejo, a sexualidade da mulher são coisas inibidas, pois é considerado errado, com isto ela passa a ser vista e a atender somente aos desejos do esposo, pois foi para isto que ela foi educada.

Assim, na sociedade patriarcal, viver exclusivamente para o marido, atender a todos os seus comandos, quando ter filhos, abandonar as atividades que lhe agradam, o trabalho; a vida da mulher em geral passa a girar em torno daquele que é visto como o provedor da família. Enquanto isto a mulher deve “Ser boazinha. Não foi isso que nos ensinaram? Sejam boazinhas, meninas. É. É assim que querem que a gente seja” (SACKS, 2019, p.133), alguém que se molde e aceite as vontades alheias, conforme apresenta-se abaixo:

Merry: Mesmo assim, ele encontra coisas que estou fazendo errado. Me dá sugestões e conselhos, que chama de pequenas melhorias — e sempre há espaço para isso. É. Ele adora me educar. É muito bom nisso. Em preencher lacunas. Acho que talvez me considere uma das lacunas e esteja me preenchendo aos poucos. Faça isso, use aquilo. Agora você deveria lagar o emprego. Agora a gente deveria se casar. Agora a gente deveria se reproduzir. Ao longo dos anos, ele foi me mostrando o que devo apreciar e o que devo repudiar. Ópera italiana, pianistas clássicos russos. Jazz experimental. Comida coreana. Vinhos franceses. (SACKS, 2019, p. 29-30).

Vê-se que diferente da forma com que Frank se descreve no trecho acima, Merry é uma mulher que foi docilizada de acordo com a circunstância em que se encontra, aqui pode-se encaixar uma um discurso sobre o corpo presente no artigo de Ferreira (2013), “O corpo não seria, assim, um *a priori*, uma dádiva da natureza, mas o resultado de um processo de construção que se dá pelo discurso e no discurso.

Building the way

Daí ser efeito de linguagem, ou ainda, efeito de discurso (Lacan, 1992)” (FERREIRA, 2013, p. 80).

A fala de Merry, remete à ideia de uma profunda submissão, na qual ela foi constantemente moldada para que pudesse se adequar aquilo que o esposo considera ideal, e não no que realmente lhe chama atenção. Embora ainda tenha em si traços de uma mulher independente, Merry se submete às vontades de Sam, pois sente que sem o esposo, não sabe o que faria da própria vida.

Desde que descobriu que estava grávida Merry não pode escolher o que fazer ou como fazer, as mudanças aconteceram e Sam não lhe deu oportunidade de concordar ou discordar. O relacionamento dos dois é tão unilateral que ele faz com que a esposa fique dependente dele. Merry acredita que não conseguirá se reerguer sem o esposo, pois segundo ela, Sam é o único a quem ela tem na vida. Merry parece em alguns momentos perceber isto, e embora cogite em alguns momentos abandonar o esposo, não o faz, pois detesta a ideia de “decepcionar o esposo”, mesmo que se moldar as vontades dele custe sua liberdade.

O casamento, a gravidez, a mudança, ser tirada de perto de tudo o que conhecia e fazia, tudo para agradar Sam, Merry não possui um direito de escolha, e mesmo que “represente o papel de uma família perfeita”, fica evidente que não passa de um teatro, e por mais que ela se incomode com isto, parece não ter forças o suficiente para deixar o relacionamento. O trecho a seguir expõe as incertezas de Merry com relação a permanecer com o cônjuge, devido a não saber o que fazer com a própria vida caso ela deixe o esposo.

Merry: A origem da palavra *sofrer* é “aguentar? Não se espera que vamos superar aquilo. Só temos que suportar. Eu poderia ir embora, isso é o que qualquer um me diria, mas a pergunta é como, com o que e para onde. Nunca consegui responder a essas perguntas. Nunca pareceram decisões minhas. Neste mundo, não tenho ninguém além do Sam. E ele sabe disso. Com certeza isso influencia sua atração por mim. Isso, e o fato de eu não conseguir ficar sozinha. Eu não saberia por onde começar. (SACKS, 2019, p. 29).

Merry parece desesperançada, se sente sozinha e perdida, está tão acostumada a receber “dicas” de Sam, que não saberia como agir sozinha, um casamento infeliz, um filho que ela não quis, afastada de tudo e todos, Sam a prendeu de todas as formas possíveis, talvez a analogia de um pássaro preso em uma gaiola

Building the way

faça jus a tal situação, pois Sam parece se sentir bem em ver a esposa definhar aos poucos, desde que ela atenda aos seus requisitos, sua felicidade não tem muita importância.

Em um outro momento Merry se diz feliz em fazer aquilo que agrada ao marido, se Sam a vê como uma boa “dona de casa”, então ela deveria se sentir feliz com isso, Merry parece oscilar em vários estágios durante a trama, a momentos em que ela se diz feliz, e momentos em que ela percebe o quão submissa é aos desejos de Sam, sejam eles quanto a ela ser uma esposa e mãe exemplar, quanto em relação a vida sexual do casal.

Sam: Quem andou ocupada hoje?, pergunta ele.

Merry: Ah, eu, com certeza, respondo, com uma piscadela. Modesta e fofa.

Sou mesmo uma mulher ocupada. Foi para isso que nasci, segundo Sam. Ele não cansa de mim assim, doméstica e maternal. Talvez esteja certo e eu tenha nascido para isso. Realmente pareço me sair muito bem. Poderia dizer que é um dom, se não soubesse o quanto me esforço para fazer tudo isso.

Mas não importa. Vale a pena, não é? O que mais eu poderia querer? Do que mais precisaria? O amor de um marido, a bênção de um filho. Isso basta... É tudo. (SACKS, 2019, p.17).

Diante disto, Merry é condicionada a um lugar de submissão, suas falas, a importância que dá a opinião do esposo, a preocupação em agir e fazer tudo corretamente, pois isso agradaria ao marido. “Ser maternal, ser doméstica”, a forma com que ela descreve seus sentimentos/dúvidas a respeito do que realmente importante (para Sam), demonstra o quanto Merry está tão condicionada a uma situação social no papel de mãe esposa, que não se vê em outro lugar, pois “Isto basta... É tudo.” Nesse dizer, as reticências poderiam significar um questionamento, algo não tão definitivo, que existe algo mais. Entretanto, em “tudo” é o definitivo. Pode-se dizer que é a contradição que constitui a personagem entre querer algo mais, e não querer, em ser suficiente o que se tem. Isso está presente em suas questões que são faladas como se ela quisesse se convencer “Vale a pena, não é?”, “O que mais eu poderia querer?”, são questões que querem confirmar sua situação como algo positivo, mas que faz funcionar sentidos de dúvida.

Ante a este corpo submisso, pode-se citar Ferreira (2013), que discorre em seu artigo *O Corpo como Materialidade Discursiva* sobre a historicidade do corpo

Building the way

feminino na análise do discurso, corpo este que sofre assujeitamentos para que se constitua de acordo com o espaço a si designado.

Para a análise do discurso o corpo surge estreitamente relacionado a novas formas de assujeitamento e, portanto, associado à noção de ideologia. Mais do que objeto teórico o corpo comparece como dispositivo de visualização, como modo de ver o sujeito, suas circunstâncias, sua historicidade e a cultura que o constituem. Trata-se do corpo que olha e que se expõe ao olhar do outro. O corpo intangível e o corpo que se deixa manipular. O corpo como lugar do visível e do invisível (FERREIRA, 2013, p. 78).

A partir de Ferreira (2013) e Foucault (2008), nota-se que o processo de docilizar os corpos femininos é algo que foi construído historicamente, quando Foucault cita a domesticação dos soldados, para que estes fossem perfeitos para atender as demandas de produtividade exigidas para as batalhas que eles iriam enfrentar, o autor faz com que estes corpos se limitem a um único nicho, onde o sujeito deveria se encaixar no espaço ao qual foi inserido, e ali exercer a demanda para a qual foi assujeitado. O mesmo ocorre com o corpo feminino, que ao longo da história foi domesticado seja de acordo com os padrões de corpos, a forma de se portar, suas vestimentas e sua criticidade.

Acerca deste assujeitamento do corpo feminino pode-se trazer a voz de Adichie (2017), que em seu livro *Para Educar Crianças Feministas*, fala sobre as questões de gênero relacionadas ao casamento, ao corpo feminino e a educação que este recebe ao longo de formação. Os serviços domésticos é um dos exemplos citados em seu livro, a forma como a mulher é “educada” desde cedo, para ser comportada, saber cozinhar, no geral ser educada para ser uma boa “esposa”, isto de acordo com o patriarcado, que tem a mulher como um corpo vazio que deve ser preenchido/moldado ao longo de sua formação, este que a criado para atender as demandas de uma sociedade que visa em sua maioria uma mulher submissa.

Hooks (2019), em seu livro *O Feminismo é Para Todo Mundo*, fala sobre a luta para conseguir a liberdade de gênero, em determinado trecho de seu livro ela cita o quanto as mulheres são induzidas a pensar e terem valores tão sexistas quanto os homens, a diferença, como a autora aponta, é que embora algumas mulheres possuam estes pensamentos elas não possuem os mesmos direitos e poderes que o patriarcado oferece ao sexo masculino.

Building the way

Estes efeitos estão presentes na narrativa, onde as personagens são condicionadas pelo patriarcado a olharem uma para a outra como inferiores, sempre julgando, sempre se alto criticando, desejando o que a outra possui, tentando ser melhor aos olhos de um sociedade que visa sua domesticação/submissão, Merry e Frank embora tenham consciência de seus atos e posições em que se encontram, parecem estar tão condicionadas aos discursos patriarcais que foram incumbidos ao seu corpo, que parecem considerar o papel da mulher no meio social apenas aquilo que lhes é ensinado (mãe, esposa e submissa).

45

Considerações finais

Neste artigo, buscou-se refletir sobre a constituição do corpo feminino no romance *Você Nasceu Para Isso*, de Michelle Sacks, por meio de recortes que refletem o discurso sobre a constituição das personagens na narrativa. Diante disto, o estudo baseia-se na análise do discurso para que se possa compreender a imagem da mulher no meio social/matrimônio e os discursos que surgem por meio dos lugares que elas ocupam na sociedade.

A partir da análise, pode-se afirmar que o papel da mulher no meio social é historicamente inferiorizado, na obra de Sacks é possível notar isto, pois as personagens são construídas através de discursos de uma sociedade patriarcal, que visa a mulher um ser submisso, que é inserida em espaços predeterminados desde o seu nascimento, espaços estes que refletem o assujeitamento da mulher.

As personagens Merry e Frank representam papéis que colocam ambas constituídas por uma formação imaginária sobre a mulher como a santa e a puta, a dona de casa e a mulher da rua etc., não são sentidos que se constituem dentro da concepção patriarcal que condiciona a mulher entre dois papéis construídos historicamente, sentidos naturalizados que ainda produzem efeitos em discursos contemporâneos. Sentidos que não permitem o deslocamento, a mudança. Nessas condições, seu corpo é tomado como algo voltado para a maternidade, como o caso de Merry, ou para o prazer como de Frank.

Diante a análise do romance pode-se refletir sobre esta constituição/construção que constitui a mulher em um espaço doméstico (mãe, esposa e dona de casa), ou em espaço da rua (para o sexo, para o prazer), fazendo

Building the way

com que a mulher se veja como submissa aos discursos produzidos que naturalizam a sujeição de seu corpo para a maternidade ou para o prazer (na maioria das vezes, prazer de outro).

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C, N. *Sejamos Todos Feministas*. Tradução Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ADICHIE, C, N. *Para Educar Crianças Feministas: Um Manifesto*. Tradução Denise Boltmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

FERREIRA, M, C, L. O Corpo como Materialidade Discursiva. *REDISCO: Revista eletrônica de estudos do discurso e do corpo*. Vitória da Conquista, v. 2, n. 1, p. 77-82, 2013.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. Nascimento da prisão. Tradução Raquel Ramallete. 35. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

HOOKS, B. *O Feminismo é Para Todo Mundo: Políticas Arrebatadoras*. Trad. Ana Luiza Libâneo. Rio de Janeiro: Rosas dos Tempos, 2019.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 12. ed. Pontes Editores, Campinas, SP. 2015.

ORLANDI, Eni P. Texto e discurso. *ORGANON: Revista do Instituto de Letras da UFRGS*. V. 9. N. 23. p. 111-118. 1995.

ORLANDI, Eni P. “Segmentar ou recortar”. In: *Linguística: questões e controvérsias*, publicação do Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba, Série Estudos – 10, 1984, p. 9-26.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

PERROT, M. *Minha História das Mulheres*. Tradução Angela M. S. Côrrea. 2. ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

SACKS, M. *Você Nasceu Para Isso*. Tradução Carolina Selvatici. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.